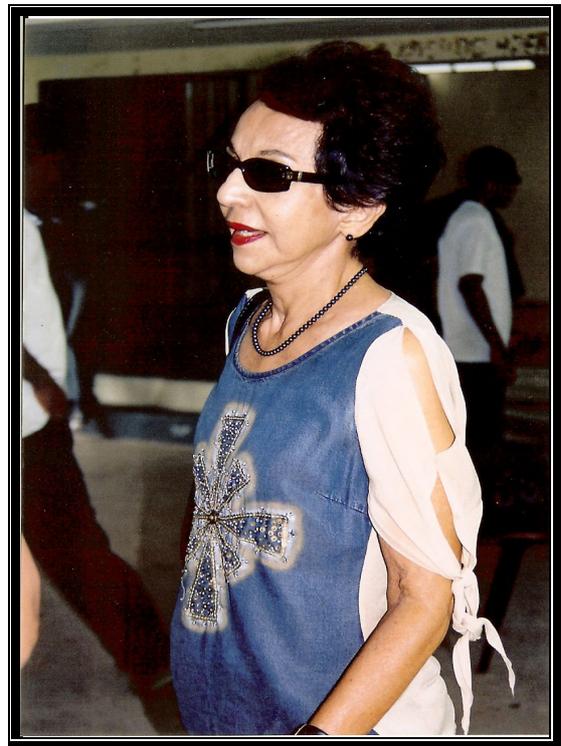


APRESENTAÇÃO

Este número da Revista Boitatá é especial. Os textos selecionados para compor este volume desenham uma imagem da pesquisadora Doralice Alcoforado e dos temas que a interessavam. Em seu conjunto, representam sua substancial contribuição como incansável pesquisadora da Literatura Oral e Popular. A seleção dos textos obedece aos critérios de cronologia, temática e acessibilidade. Alguns estão inéditos, apenas foram apresentados em congressos, outros estavam esquecidos nas gavetas. A maioria, veiculados em publicações acadêmicas, são escritos esgotados e dispersos. As interferências nos textos foram mínimas, apenas revisamos e incluímos as referências bibliográficas, quando necessário. O leitor irá perceber, em alguns momentos, um certo inacabamento que optamos por preservar, pois revela o corte abrupto dessa produção. Interrupção de um caminho que lamentamos, mas não temos o direito de interferir nem julgar.

Além dos textos de Doralice Alcoforado que conseguimos recuperar, reunimos aqui as contribuições de colegas e amigos sobre a obra.



Assim, este número traz duas biografias, uma escrita por nós e a outra, de caráter mais pessoal, foi solicitada a sua irmã Bernadeth Fernandes Xavier de Carvalho. As resenhas dos livros *A escritura e a voz* e *Belas e feras baianas: um estudo do conto popular*, foram preparadas por Silvio Oliveira e Braulio do Nascimento, respectivamente. Incluímos também uma entrevista inédita, preparada para a divulgação da semana do folclore de 2007 e o texto de Evelina Hoisel, escrito especialmente para o lançamento póstumo de *Belas e feras baianas* e proferido naquela ocasião.

Os textos selecionados, com o objetivo de dar aos leitores um panorama da obra, foram organizados cronologicamente:

1. O romance ibérico no Brasil: tradição e recriação

Uma mostra dos primeiros resultados do projeto EBR – Em busca do Romanceiro – ocupa-se em confrontar versões brasileiras, inclusive recolhidas pelo PEPLP, do romance *Gerinaldo* com versões portuguesas e uma versão espanhola observando as permanências da tradição ibérica e os elementos recriados pelos contadores no Brasil.

2. O ensino da literatura no 2º. grau

Tema muito presente nas reflexões da pesquisadora, comparece nesse texto duas de suas múltiplas faces de trabalho: pesquisa e ensino, problematizando o modo como a literatura tem sido trabalhada no segundo grau, silenciando o texto literário e excluindo os textos da literatura oral e popular, aponta a necessidade de (re)inseri-los nos conteúdos programáticos de literatura.

3. Literatura Oral e Popular: um grupo de trabalho e de intercâmbio

Apresenta a trajetória do **GT de Literatura Oral e Popular**, destacando como foram elaboradas suas normas de criação e funcionamento; a importância dos coordenadores, as bases que consolidaram o Grupo, “a importância e a função do GT na difusão do estudo e na integração da pesquisa científica da literatura oral e popular”.

4. Belas e feras: ecos do livro, da televisão e do cinema na voz de contadores baianos

Às narrativas do ciclo “A Bela e a Fera”, ouvidas pela autora durante pesquisas de campo, é lançado um olhar contemporâneo que flagra como a temática do noivo animal, recriada em livros, cinema e televisão vem sendo tecida pelos contadores baianos ao combinarem criativamente a tradição oral com esses outros meios.

5. Problemas e questões da pesquisa em literatura oral

Partindo da experiência com a pesquisa no Instituto de Letras da UFBA, são discutidas questões sobre a pesquisa em oralidade, enfocando as várias etapas da pesquisa de campo e a importância de cada uma, o cuidado quando em contato com a tradição do outro, o respeito ao contador e seu saber, as especificidades do texto oral, o trabalho meticuloso da transcrição.

6. Cascudo: o erudito no popular

Neste ensaio, Doralice, com a doçura e a humildade que lhe eram peculiares, apresenta para os iniciantes nos estudos em oralidade e reapresenta para os veteranos a vasta produção intelectual de Luís da Câmara Cascudo, prestando-lhe homenagem no centenário do seu nascimento.

7. A representação do cangaço em *Os brilhantes*

Analisa as representações do cangaço no romance regionalista *Os brilhantes*, de Rodolfo Teófilo, centrando na caracterização do herói e discutindo as teorias científicas que deram forma ao texto. Além da crítica e história literária, a autora busca embasamento para sua análise nas ciências sociais, sem deixar de fora as representações do cangaceiro na literatura popular.

8. Literatura oral e popular

Sem ater-se a um gênero específico da literatura oral, a autora pontua as especificidades do texto oral, sinalizando a necessidade de considerar seu processo de criação e aspectos performáticos, lembrando ser cada recriação do texto memorizado um encontro da tradição com a subjetividade de quem narra, responsável pelas atualizações que asseguram sua funcionalidade e significação na comunidade.

9. Pelas trilhas da tradição: a pesquisa em oralidade na UFBA

A criação do Programa de estudo e Pesquisa da Literatura Popular no Instituto de Letras da UFBA em 1984 é registrada nesse texto que enfocando os projetos, a metodologia adotada na pesquisa de campo e na transcrição do material coletado, as normas de classificação dos textos, enfim a constituição de um acervo da tradição poética na Bahia e seus desdobramentos.

10. O olhar vigilante da floresta

Nesse texto a protagonista é a *caipora* com suas múltiplas formas e artimanhas a desorientar os freqüentadores das matas, dos manguezais e até das cidades. Pontuando serem esses relatos fornecidos por testemunhas oculares ou auriculares, rege o texto uma postura de respeito diante do fato narrado que em momento algum é apontado como credence.

11. A recriação do conto popular

Esse texto foi uma conferência proferida no XXVIII Encontro Cultural de Laranjeiras, em 2003 em Sergipe. Trata da poética do conto oral e do processo de recriação dos contos de encantamento, tomando como exemplo os textos do ciclo da Bela e a Fera recolhidos na Bahia, acompanhando os diálogos dos contos populares e a literatura escrita.

12. Delgadinha: um inconciliável conflito de obediência

A partir de versões portuguesas, castelhanas e baianas do romance *Delgadinha*, a autora discute, com sensibilidade e firmeza, a questão do incesto na relação pai e filha, focalizando o posicionamento da mulher perante a situação que lhe é imposta.

13. “Uma estória de amor”: um diálogo intercultural

Uma interpretação da novela “Uma estória de amor” de Guimarães Rosa, mostrando como a matéria popular é aí dinamizada. Dado seu cuidado com o texto oral, a autora rasura o modo como essa apropriação tem sido lida pela crítica, apontando não tratar-se apenas de má apropriação temática, mas de procedimentos estilísticos que ressignificam a própria escrita.

14. O conto facecioso

Comunicação apresentada no Seminário da Comissão Espiritosantense de Folclore, em 2004, aborda o tema do riso nos contos populares, analisando versões baianas de Pedro Malasartes e seus similares.

15. Do folclore à cultura popular

Sabedora do desgaste e rejeição do termo folclore, Doralice, como próprio de sua personalidade, não se esquivava do problema, historiciza a emergência do termo no século XIX e, passando por sua releitura em 1995, aporta nos princípios norteadores da Comissão Baiana de Folclore que presidia: pesquisa, registro, estudo da cultura e promoção de encontros que discutissem e divulgassem esse patrimônio.

No conjunto, percebemos o empenho da pesquisadora em promover discussões acerca da literatura oral, tratando das especificidades do seu ato complexo de criação, das redes que garantiam sua circulação e existência e de sua diversidade. Todavia, não era apenas isso que acontecia em suas andanças pelo Instituto de Letras ou qualquer outro espaço em que tratava de cultura popular, mesmo nos mais formais. Ao falar poeticamente da literatura oral, partilhando o encanto das performances presenciadas por ela, seduzia de tal modo que ninguém ficava imune à oralidade. Quando nos dávamos conta, estávamos narrando as histórias contadas por ela ou recarregando nosso repertório com amigos e parentes para contar no próximo encontro. Era, enfim, uma professora que ministrava aula como contadora de histórias e enchia-nos com sua magia.

Salvador, novembro de 2008.

Edil Costa
Vanusa Mascarenhas